

Notas de pesquisa: o ensaio latino-americano do século XX

Lívia Reis (UFF)

O título deste texto se justifica por serem estas notas preliminares no estudo da vastíssima área que é a ensaística latino-americana. Ainda que menos estudado que as narrativas ou a poesia, na América Latina, a rica produção de ensaios sempre suscitou muitos questionamentos sobre um gênero que caminhou junto com o pensamento e a história do continente. O trabalho com ensaios, a leitura desses textos e o percurso recorrido ao longo dos últimos anos, em que venho buscando algumas das pontes que encenam o diálogo intelectual entre o Brasil e a América Hispânica, em diferentes momentos do século XX, levou-me naturalmente a pesquisar o ensaio, gênero privilegiado em nosso continente, sobretudo aquele que se propõe pensar as questões das identidades, sejam elas nacionais ou continentais.

O exame atento leva-nos a perceber que ao longo do século XX, na América Latina, se consolidou uma tradição ensaística voltada às questões relacionadas aos paradigmas de construção das identidades. Por outro lado, podemos observar que o gênero tem uma longa tradição na América Latina, sobretudo na América Hispânica, o que nos leva a investigar suas relações e possíveis convergências com a tradição ensaística brasileira, também preocupada em construir interpretações sobre questões identitárias.

A palavra “ensaio”, em sua origem, remete a uma meditação, ou pensamento escrito em estilo literário. É a literatura de idéias e, em geral, carrega a marca pessoal de seu autor. No mundo ibero-americano, o termo “ensaio” é muito mais recente que nas culturas francesa ou inglesa. A tradição francesa, iniciada com Montaigne (*Essais* de 1580), é considerada o berço do gênero e foi ele o primeiro a

utilizar o termo “ensaio” para referir-se aos seus escritos. Também na Inglaterra, Francis Bacon (1597) foi o responsável por outra vertente que está na origem e na consolidação do gênero. Ambos são vistos como os criadores do ensaio moderno.

Na Espanha barroca do século XVII, textos em prosa de Gracián e Quevedo mais tarde foram lidos como ensaios e, mais de três séculos depois de Montaigne e Bacon, na Espanha, José Ortega y Gasset e Miguel de Unamuno, entre outros, deram vida e produziram importantes reflexões que estão na base da moderna ensaística hispânica, que além de dialogar com seus contemporâneos hispano-americanos, exerceram forte influência sobre alguns deles.

Texto fundamental para a compreensão e reflexão sobre o ensaio moderno, publicado em 1954, “O ensaio como forma”, de Theodor Adorno, é leitura obrigatória para que se possa empreender qualquer abordagem do ensaio como gênero. Adorno parte do questionamento sobre a falta de prestígio do ensaio alemão em seu tempo, para discutir não apenas as formas que o ensaio pode assumir, mas vai além, e apresenta profunda análise sobre as formas de pensar e refletir as questões estéticas e filosóficas vigentes na Alemanha de seu tempo. O ensaísta alemão não se furta de, ao final de sua reflexão, propor uma verdadeira taxonomia do ensaio moderno.

No século XIX, na América Hispânica, os ensaístas tiveram papel primordial na vida intelectual e política e, não raro, escritores e poetas sentiram-se seguros o bastante para, através de suas reflexões, proporem programas e reformas políticas e, de fato, exercerem cargos públicos. Com eles, surgem as reflexões acerca da identidade latino-americana no século passado, momento definidor do ensaio hispano-americano como modo de pensar as nações e o continente. Esse é o exemplo que temos em Sarmiento, autor do clássico *Facundo*, que se tornou a presidência da República Argentina, Simon Bolívar, o libertador, Andrés Bello, pensador, político e gramático e José Martí, revolucionário e poeta modernista cubano, entre outros. Todos foram ensaístas, tiveram importante atuação na vida pública e, para além de seu

trabalho intelectual, sentaram as bases do que se tornaria uma das principais vertentes da ensaística hispano-americana.

Esse foi um momento extremamente rico na produção ensaística voltada para questões de identidades e de línguas nacionais e sobre os sentidos da nação, sobretudo, porque foi o momento das guerras de independência e da formação das jovens nações hispano-americanas. Mas essa verdadeira obsessão por questões ligadas à identidade será um paradigma que percorrerá a produção ensaística latino-americana ao longo do século.

Ariel (1900), do uruguaio José Henrique Rodó, inaugura o ensaio do século XX. Obra inédita em seu tempo, o ensaísta conclama a juventude da América Latina (hispânica) a fazer um inventário de sua herança cultural, de seus valores e da importância de suas raízes hispânicas, fonte primordial da sua cultura e identidade e bastante diversa daquelas da América do Norte, que nesse momento começam a se construir como paradigma da cultura ocidental. No clássico ensaio, Rodó reinaugura não apenas o gênero no subcontinente, mas, ao mesmo tempo, consolida a tradição de ensaios voltados para a temática das identidades latino-americanas, iniciada no século anterior.

A tradição que Rodó dava segmento vinha envolta em um gênero sem definição precisa e sem nome. Não se tratava de romance, nem livro didático, era em prosa, mas não de ficção. Não raro recorria aos ensinamentos da poesia e com menor influência do drama. Encontravam-se diante de uma prática discursiva muito cultivada pelos franceses e, apesar da produção dos grandes ensaístas do século anterior, nesses começos do século XX, era ainda visto como novidade na América Hispânica.

A fortuna crítica sobre o ensaio como gênero é bastante extensa. Nela encontramos uma série de tentativas de definição do gênero que, ainda hoje, são consideradas insuficientes. De forma geral, os críticos concordam em nomear ensaios

aqueles textos literários escritos em prosa com a intenção de explorar um tema específico, de discutir idéias e de persuadir além de informar.

O ensaio literário não deve ser confundido com outro gênero próximo, o ensaio jornalístico, aquele que freqüenta as páginas de jornais e revistas. No entanto, o que nos interessa é o estudo do ensaio literário, aquele descrito pelo mexicano Alfonso Reyes como “este centauro de géneros, donde hay de todo y cabe todo, propio hijo caprichoso de una cultura que no puede ya responder al orbe circular y cerrado de los antiguos, sino a la curva abierta, al proceso en marcha...” (REYES, 1963, p. 456).

Aberto aos processos em marcha, a tradição ensaística encontrou na América Hispânica solo fértil e germinou de tal forma que entre os melhores escritores do continente encontram-se ensaístas que, através de seus escritos e reflexões, vêm ajudando a construir um pensamento sobre sua identidade e a interpretar sua cultura e sua literatura.

Os perfis desses ensaístas é bem distinto, tanto no que diz respeito aos seus temas prediletos, quanto ao seu estilo literário. Em comum, apenas o rigor com a linguagem a serviço de uma idéia ou informação. Nas diferentes radiografias do século XX, segundo palavras de John Sirkus, sobressai a tentativa de “diagnósticos de las identidades culturales y los problemas contemporáneos” (2004, p. 18). Entre a diversidade de temas e estilos, na América Latina, permanece a presença marcante de ensaios voltados para as questões de identidade, de sujeito, de nação.

Um simples olhar sobre a produção ensaística pode apontar sua vasta diversidade de temas e estilos, formas e sentidos que põem em relevo um significativo leque das identidades múltiplas: Octavio Paz, com seu perfil filosófico poético, se acerca a sua cultura através da psicologia da mexicanidade que se traduz no “labirinto da solidão”, enquanto os “sete ensaios” de Mariátegui, de forte viés marxista,

recuperam o comunismo incaico ancestral como modelo de uma sociedade mais justa a ser construída. Ambos trabalham com os mitos ancestrais.

Com pessimismo, Martinez Estrada reflete sobre a psique social dos grupos rurais e urbanos de sua Argentina natal, enquanto o espirituoso Fernando Ortiz define a cultura cubana a partir do “contraponto entre o açúcar e o tabaco”, dois elementos importantes na cultura cubana, base de seu desenvolvimento econômico e cultural, que ajudam a definir as questões antropológicas da identidade cubana, construída a partir dos processos de “transculturação”.

José de Vasconcelos vê a possibilidade, ainda que utópica, de uma nova “raça cósmica” que surgiria dos processos de mestiçagem do subcontinente. Carlos Fuentes concentra na metáfora do “espelho enterrado” a complexidade de um continente que foi resultado da exploração colonial e ao mesmo tempo herdeira de tradições transplantadas. Alfonso Reyes, com habitual erudição e estilo, concebe imagens, muitas vezes utópicas sobre a “inteligência americana”, enquanto Ángel Rama, em sua reflexão, remonta a vida cultural das cidades coloniais como células originais da cultura letrada nas Américas. “Cidades letradas” que são elas próprias espaço privilegiado de uma nova cultura que vai produzir uma “literatura transculturada”.

Dessa forma, a partir desse imenso mosaico de reflexões e tentativas de entendimento, interpretação e explicação de nossas matrizes identitárias, as identidades foram se construindo através do olhar e da pluma de nossos ensaístas, em um processo dinâmico de pensar e refletir sobre nossa história cultural, sua dinâmica e desenvolvimento, e ainda percebemos que se faz necessário ler e compreender a tradição do ensaio na América Hispânica e traçar os paralelos, os encontros e desencontros, e os possíveis diálogos com a ensaística produzida no Brasil.

Também em nosso país, intelectuais oriundos de diversos campos do conhecimento têm produzido importantes momentos de reflexão no e sobre o Brasil. A ensaística brasileira não se difere daquela produzida na América Hispânica no que toca à intensa busca por descrever e entender as identidades de um país mestiço por excelência. Desde o século XIX, figuras como Silvio Romero ou Oliveira Viana produziram reflexões que serão retomadas, discutidas e polemizadas desde seu momento de publicação até os nossos dias. A crítica de cultura, seja ela fincada no terreno do literário, com intelectuais do porte de Antonio Candido, Alfredo Bosi ou Silviano Santiago, nos estudos de geografia humana, com Renato Ortiz e Milton Santos, ou antropológicos, com Sergio Buarque ou Gilberto Freyre e Darci Ribeiro, apenas para citar alguns, tem dado ao gênero ensaístico brasileiro uma série de interpretações que nos ajudam a nos conhecer, nos entender e a nos construir como nação.

Nesse percurso sobre o gênero ensaístico no subcontinente é necessário relacionar as reflexões produzidas no universo hispano-americano com aquelas produzidas em nosso país, no sentido de tentar perceber como o continente latino-americano pensa em si mesmo. Consciente de que a diversidade é a marca mais forte que permeia o mosaico cultural da América Latina, creio que o cotejo e a análise comparativa contrastiva da produção ibero-americana abre um leque de interrogações e oferece um rico universo repleto de pontos obscuros que desafiam o pesquisador.

Nesse sentido, além de iniciativas individuais de análise comparativa da cultura e da literatura, a partir de autores individuais, vale a pena investigar dois projetos coletivos, pioneiros, que a partir dos anos 60, provocaram grande impacto nos estudos sobre literatura e cultura na América Latina e se anteciparam ao que estamos propondo hoje.

No ano de 1972, em uma co-edição da Editora *Siglo XXI*, do México, com a UNESCO, foi publicado o livro que parece ter sido um marco fundamental para os

estudos literários e culturais do continente: *América Latina en su literatura*. A obra coletiva, organizada por César Fernández Moreno, surgiu como resultado de um ambicioso projeto da UNESCO, decidido na sua Conferência Geral de 1966, na qual pretendia “emprender el estudio de las culturas de América Latina en sus expresiones literarias y artísticas, a fin de determinar las características de dichas culturas” (MORENO, 1972, p. 1). Em outras palavras, dentro de um projeto institucional, internacional e ambicioso, a obra reuniu especialistas em diferentes áreas dos estudos literários, provenientes de diversos países do continente, que buscavam formas de representar um território que se descobria distinto. Essa é a primeira obra de ensaios em que o termo “América Latina” foi usado de forma abrangente, isto é, incorporando as literaturas e os fenômenos culturais do Brasil e do Caribe.

O livro foi publicado inicialmente em espanhol e, posteriormente, em português. Seja pela abrangência dos temas tratados, pela liberdade de expressão de tendências individuais e correntes literárias diversas, algumas vezes até divergentes, pelo rigor das análises e pela atualidade das reflexões propostas, a obra, ainda hoje, ocupa um lugar de destaque no campo dos estudos literários da América Latina que, nesse caso, se conformam de fato como América Latina, e não América Hispânica, como na maioria dos estudos publicados no mundo hispânico, nos quais a presença do Brasil, de sua tradição cultural e literária, é ignorada. Como exemplo, vale lembrar que, nessa obra, foi publicado, pela primeira vez, o emblemático ensaio de Antonio Candido, “Literatura e subdesenvolvimento”, bem como o não menos polêmico “Tradición y renovación”, de Emir Rodríguez Monegal e “El barroco y el neobarroco” de Severo Sarduy.

O esforço de compor o complexo mapa cultural da América Latina, ainda que totalmente escrito em espanhol, se concretizou, portanto, em um livro aberto, tanto no que trata da tradição literária quanto das novas experimentações da época.

Com certeza, esse projeto de vanguarda foi o antecessor de outro projeto, levado a cabo nos anos 80, parcialmente apoiado pela UNESCO, em parceria com a Associação Internacional de Literatura Comparada. Trata-se da organização de uma obra inédita em nosso continente: uma (nova) História da Literatura Latino-Americana, organizada pela professora chilena Ana Pizarro. Digo nova história, porque a proposta da obra se difere das histórias literárias de corte tradicional, organizadas a partir de delimitações de gênero literário, de estilos de época ou de ambas. A proposta dessa nova história literária foi mais ampla e buscou uma maior abertura de enfoques e a incorporação de textualidades e de imaginários que tradicionalmente estiveram fora dos cânones vigentes.

Entre a definição do projeto e a publicação de *América Latina. Palavra, literatura e cultura*, passaram-se dez anos. O projeto inicial de uma grande história da literatura latino-americana deu lugar à publicação de uma obra coletiva, em três volumes, contendo oitenta e cinco ensaios de diferentes autores, abrangendo um arco temporal que vai da situação colonial à pós-modernidade. O conjunto de ensaios parece dar conta, como em nenhuma outra obra, das multiplicidades da cultura e da literatura do continente.

O projeto original: uma história literária da América Latina, e de seu resultado: a publicação dos três volumes aponta para problemas que envolvem a delimitação da área de estudos, questões de comparativismo, a relação entre história e historiografia literária, além da própria noção de América Latina, ambiente cultural. A dinâmica desse processo coloca em evidência um momento de mudança de perspectiva, na qual a noção de literatura se abre às textualidades emergentes, à oralidade de grupos indígenas, além de abrir-se também para imaginários de diferentes minorias. Nos três volumes estão presentes reflexões que privilegiam tanto autores, como épocas, gêneros, textos monográficos e historiográficos que incorporam uma reflexão que tem início no período colonial chegando às novas tendências, à

literatura de produção feminina ou a escrita das margens como a literatura de testemunho.

No que tange a nossa proposta de pesquisa, qual seja, o ensaio latino-americano e os diálogos entre o Brasil e a Hispano-América, os volumes organizados por Ana Pizarro incluem a produção cultural e a literatura brasileira e do Caribe, incorporando esses espaços geo-político-culturais ao mapa da América Latina, além de exigir de muitos dos colaboradores uma leitura mais abrangente desses mesmos fenômenos. Assim me parece que esse seria o esforço mais recente no sentido da construção de um pensamento sobre a cultura da América Latina que, ao plasmar a heterogeneidade e a homogeneidade, a diversidade e a unidade, deixam abertos os muitos caminhos a serem percorridos pelo investigador.

Referências

ADORNO, Theodor W. *Notas de literatura*. Barcelona: Ariel. 1962.

BUARQUE DE HOLANDA, Sergio. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Cia. da Letras, 1999.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

CANDIDO, Antonio. *Ensayos y comentarios*. Campinas/ México: Editora da Unicamp/ Fondo de Cultura Económica, 1995.

CONNÉJO POLAR, Antonio. *O Condor voa. Literatura e cultura latino-americanas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

FREYRE, Gilberto. Casa grande e senzala. In: SANTIAGO, Silviano (Coord.). *Intérpretes do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. v. 2.

FUENTES, Carlos. *El espejo enterrado*. Buenos Aires: Taurus, 1992.

GÓMEZ-MARTINEZ, José Luis. *Teoría del ensayo*. Disponível em: <<http://www.ensayistas.org/critica/ensayo/gomez/indice.htm>>.

LUKÁCS, Georg. Sobre la esencia y la forma del ensayo. In: _____. *El alma y las formas, teoría de la novela*. México: Grijalbo, 1985.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *Siete ensayos de la realidad peruana*. 64. ed. Lima: Biblioteca Amauta, [s. d.].

ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y del azúcar* (fragmento). La Habana: Ed. Ciencias Sociales, 1983.

PAZ, Octavio. *El laberinto de la soledad*. 21. ed. México: Fondo de Cultura, 1992.

PIZARRO, Ana (Org.). *América Latina, palavra, literatura e cultura*. Campinas: Ed. Unicamp/ Memorial da América Latina, 1993. v. 1-3.

RAMA, Ángel. La ciudad letrada. In: PIZARRO, Ana (Org.). *América Latina, palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial/ Ed. Unicamp, 1993.

RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*. México: Siglo XXI, 1982.

REYES, Alfonso. *Obras completas digital*. México: Fondo de Cultura Económica.

RODÓ, J. Enrique. *Ariel*. Buenos Aires: Losada, 1996.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SKIRIUS, John (Org.). *El ensayo hispanoamericano del siglo XX*. 5. ed. México, Fondo de Cultura, 2004.

VASCONCELOS, José. *La raza cósmica (fragmentos)*. México: Porrúa, 2003.

VITIER, Medardo. *Del ensayo americano*. México: Fondo de Cultura Económica, 1945.

ZEA, Leopoldo (Org.). *Fuentes de la cultura latinoamericana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. tomo 3.